Dia 10 — São Macário, Arcebispo de Antioquia

São Macário, cujas preciosas relíquias se conservam em Gante com tanta veneração, foi de nação armênio, de uma das casas mais ilustres de todo o Oriente e das mais distinguidas por seus empregos e por suas conexões. Nasceu perto do fim do século décimo. Seu pai Miguel e sua mãe Maria desejaram que Macário, arcebispo de Antioquia, parente muito próximo de ambos, fosse seu padrinho. Não se sabe se era a Antioquia da Pisídia ou a da Síria. O arcebispo lhe deu seu nome; e, havendo-lhe deixado os primeiros anos ao cuidado de seus pais, quis depois educá-lo ele mesmo na virtude e no estudo das letras. Mostrou o menino um excelente engenho, admirável natural, uma inclinação como inata a tudo o que é bom e uma docilidade pouco comum nos meninos de sua idade; com o que fez tão grandes progressos em seus estudos, e singularmente na importante ciência da salvação, que desde logo se persuadiu o santo arcebispo de que Deus o havia escolhido para vaso de eleição e para ser algum dia grande ornamento de sua santa Igreja; o que o moveu a conferir-lhe as sagradas ordens, elevando-o à dignidade de sacerdote.

Cada dia acreditava o jovem Macário com sua conduta o grande conceito que mereceu ao arcebispo. Sua aplicação ao estudo, seu amor ao retiro, sua modéstia e seus arranjados costumes fizeram-no a admiração de todos. Apenas se viu no estado eclesiástico, foi modelo e exemplar de todo o clero. Tendo-lhe encomendado negócios muito importantes, portou-se em todos com tanta edificação e desempenhou-os com tanto acerto que todos o consideravam digno sucessor de seu exemplar arcebispo.

Com efeito, estes eram os pensamentos do prelado. Carregado de anos e oprimido de achaques, vendo que se aproximava seu fim, juntou o clero e o povo e falou-lhes nestes ou semelhantes termos: «Já vedes, amados filhos e irmãos, que a morte está chamando às portas deste pobre velho, ainda mais agravado com o peso da obrigação que com o de sua avançada idade. Chamam-me já para que dê conta de minha administração; e, a fim de que o encargo seja menor, convoquei-vos para dar-vos meus últimos conselhos e para encomendar-me em vossas orações. Vedes-me já tocando com a mão o termo de minha penosa e dilatada carreira; ninguém se interessará mais que vós em nomear-me um sucessor que repare meus defeitos. Muitos sujeitos tendes beneméritos e dignos; mas, se meu voto vale algo, creio que o céu vos assinala por vosso pastor meu sobrinho Macário; sua notória virtude e seus méritos sobressalientes reclamam vossos sufrágios, e eu morreria contente se lhos désseis.» Apenas acabou o santo velho de pronunciar estas últimas palavras, toda a assembleia clamou a uma voz uniforme: Macário será vosso sucessor: não queremos outro pastor que o jovem Macário.

Não foi tão fácil lograr seu consentimento como o do público. Quanto mais o desejavam por arcebispo, mais indigno se julgava ele daquela dignidade; mas ao fim, tendo morrido o santo velho,

viu-se obrigado Macário a render-se às disposições do céu. Foi consagrado e colocado na sé arquiepiscopal com universal aplauso; mas a nova dignidade só serviu para fazê-lo mais humilde, e sua conduta justificou desde logo o acerto da eleição.

Deixaram-se ver desde mais alto e com maior distinção sua caridade, seu ardente zelo e as demais virtudes que estavam como encobertas na vida particular e privada. O retrato que faz São Paulo de um santo bispo foi o retrato verdadeiro do novo prelado. Seu zelo não podia ser mais vivo nem mais prudente; sua caridade não podia ser mais universal nem mais benéfica; sua solicitude pastoral não podia ser mais ativa nem tampouco mais ditosa. Era tão poderoso em obras como em palavras; pregava todos os dias a seu povo, visitava por si mesmo os enfermos, e quase todos os pobres viviam a suas expensas. Eram poucos os pecadores que podiam resistir a sua doçura, e raríssimo o que não se rendia a seu zelo. Dava muito realce à inocência de seus costumes o rigor de suas grandes penitências; e não contribuía pouco para aumentar o fundo das esmolas sua prodigiosa abstinência, unida à modéstia de seu vestido, de seus móveis e de todo o aparelho de seu palácio. Sua devoção era tão terna que, sendo quase contínua sua oração, nunca orava sem derramar abundantes lágrimas; de maneira que se viu obrigado a ter sempre de prevenção uma toalha ou um lenço no oratório para enxugar os olhos. Certo leproso pôde haver às mãos um destes lenços e, apenas o aplicou com a sede que tinha da santidade de seu dono, ficou de todo são e limpo.

A este milagre seguiram-se outros muitos, os quais fizeram tanto ruído que começou a assustar-se sua humildade. Logo que conheceu que em sua cidade arquiepiscopal o veneravam como a santo, começou a olhar com desgosto a residência nela. Não lhe foi possível acostumar-se às honras que todos lhe tributavam. A carga que o oprimia, em vez de aliviar-se com a experiência, a cada dia se lhe fazia mais pesada: nunca se julgou mais indigno do ofício de pastor que quando todos o louvavam. Isto o obrigou a tomar a resolução de lançar de si aquele peso intolerável, para atender unicamente ao cuidado de sua salvação na tranquila obscuridade de uma vida privada. Tomada já esta determinação, encarregou o cuidado de seu rebanho a um eclesiástico de grande mérito, chamado Eleutério; e, havendo repartido os poucos bens que lhe restavam entre os pobres e as igrejas, saiu secretamente da cidade, acompanhado só de quatro de seus discípulos, que não quiseram deixá-lo; e tomou o caminho da Palestina para visitar os lugares da Terra Santa. Fez todas estas viagens como verdadeiro penitente, regando com suas lágrimas aqueles lugares onde se havia obrado nossa redenção.

Por mais diligências que fez para ocultar quem era, descobriu-o João, patriarca de Jerusalém, e recebeu-o com as honras correspondentes; o que o obrigou a acelerar sua partida. Ocupavam já os sarracenos a maior parte da Palestina, e o santo arcebispo procurava converter quantos se lhe apresentavam no caminho. Bendisse Deus as apostólicas diligências de seu zelo, porque foram não poucos os que abjuraram seus erros e pediram o batismo.

Granjeou com estas conquistas uma cruel perseguição. Lançaram mão dele aqueles bárbaros e, depois de maltratá-lo com todo gênero de ultrajes, levaram-no arrastando a um calabouço. Para fazer mais solene zombaria da doutrina que nem por isso deixava de pregar, estenderam-no no chão em forma de cruz; ataram-lhe os pés e as mãos com cordéis amarrados a uns cravos; carregaram sobre seu débil estômago uma grande pedra acesa e fizeram-lhe padecer outros

tormentos misturados com mil opróbrios e ignomínias.

Sofreu-os todos o santo com uma constância que admirou os mesmos bárbaros; mas Deus, que não o queria mártir, contentou-se com os desejos do martírio. Uma luz sobrenatural dissipou de repente as trevas do calabouço e no meio dela lhe apareceu um anjo, o qual, havendo-o exortado a prosseguir sua viagem segundo Deus lhe havia inspirado, pô-lo em liberdade. Converteu muitos bárbaros esta maravilha, e os muitos milagres que a ela se seguiram reduziram à fé outros inumeráveis.

Despachou-lhe seus deputados a cidade de Antioquia e, informado por eles da resolução em que estavam seus parentes e todo o povo de obrigá-lo à força a voltar à sua sé arquiepiscopal, embarcou-se ao ponto para o Poente. Atravessou todo o reino do Épiro e a Dalmácia; penetrou até a Baviera; passou pelas cidades de Mogúncia e de Colônia, deixando em todas as partes visíveis sinais de sua heroica santidade. Pagava a hospedagem com tantos milagres que dois criados de certo senhor bávaro, chamado Adalberto, que o hospedou em sua casa, creram haver achado um meio infalível para fazer-se ricos furtando-lhe o lenço, parecendo-lhes que esta relíquia faria tantos prodígios como seu dono; mas castigou o Senhor aquela sacrílega cobiça, enviando a um e a outro uma grave enfermidade que os conduziu ao último extremo da vida e não sararam dela senão por outro milagre de nosso santo.

Parece que Deus se comprazia em assinalar cada uma de suas jornadas com alguma nova maravilha. Em Colônia livrou seu hóspede de uma epilepsia; em Malinas apagou um furioso incêndio; em Tournai apaziguou uma cruel sedição; em Cambrai abriu-lhe um anjo as portas da igreja de Nossa Senhora; e em Maubeuge foi recebido como um profeta. Enfim, no ano de 1011 chegou a Gante com três de seus companheiros e retirou-se ao mosteiro de São Bavão. O abade Erembaldo e seus monges o receberam como a um homem extraordinário; e foi tal o conceito que formaram de sua santidade na estada que fez naquele mosteiro que não pouparam diligência alguma para obrigá-lo a terminar nele suas peregrinações.

À entrada da primavera do ano seguinte resolveu embarcar-se para voltar ao Levante, a despeito das lágrimas e das instâncias amorosas do abade e de todos os monges; mas não quis o Senhor que carecessem de suas preciosas relíquias os que haviam sabido aproveitar-se tão bem de seus virtuosos exemplos. Acometeu-o no porto uma violenta febre que o obrigou a retirar-se outra vez a São Bavão, onde viveu ainda cinco ou seis meses, dispondo-se com novo fervor e com novas penitências para a morte que ele mesmo havia profetizado. Assinalou também o lugar onde haviam de enterrá-lo, que era uma abóbada ou gruta debaixo da capela da Virgem, à qual havia professado toda a vida uma ternísima devoção, colocando, depois de Deus, toda a sua confiança nesta Senhora. Tendo-se estendido por todos os Países Baixos uma cruel peste, recorreram às orações de nosso santo, e dignou-se Deus ouvi-las. Pronosticou que ele mesmo seria tocado do contágio e que com sua morte se aplacaria a cólera do céu: o sucesso acreditou a profecia. Morreu em Gante, no mosteiro de São Bavão, no dia 10 de abril do ano 1012, e no mesmo instante cessou a peste na cidade e em todo o país.

Conheceu-se desde logo, em quantas ocasiões ocorreram, a eficácia de sua poderosa intercessão junto a Deus; e assim, cinquenta anos depois de sua morte, o de 1067, foi elevado seu santo corpo

da terra, a solicitação de Sigério, abade de São Bavão, e de Balduíno V, conde de Flandres. Fez-se a cerimônia em presença de Filipe I, rei da França, dos principais senhores do país e de um inumerável concurso do povo, por Balduíno, bispo de Tournai, assistido de outros muitos prelados; e quis o Senhor honrar esta solene trasladação com um grande número de milagres.

Nota do Tradutor

«Parece que há duas equivocações, ou dois conhecidos erros de imprensa, assim no tempo que diz o padre Croiset que se passou desde que o Santo, obrigado da febre, voltou ao mosteiro de São Bavão até o dia de sua morte, como no ano em que se assinala esta. Diz que viveu nele cinco ou seis meses e que morreu no ano de 1012. Isto não se pode compor com o que depois acrescenta, que seu corpo foi elevado cinquenta anos depois de sua morte, o de 1067, porque de 1012 a 1067 vão cinquenta e cinco anos. E, se a elevação foi, como assegura nosso autor, a instâncias de Balduíno V, conde de Flandres, não pôde passar do ano de 67, porque nesse mesmo morreu Balduíno, sendo regente da França; com o que parece que se deve dizer que São Macário viveu depois no mosteiro cinco ou seis anos e que morreu no de 1017 ou 18.

»Além disto, se foi à entrada da primavera do ano de 1012 que quis voltar ao Levante, segundo diz o padre Croiset, como pôde viver depois cinco ou seis meses e morrer no dia 10 de abril do mesmo ano? Para isso era mister que a primavera começasse por outubro ou novembro do ano precedente; e sempre sairia errada a cronologia do ano em que morreu. Pelo que parece indispensável corrigir os referidos cômputos no modo dito.»

São Ezequiel, Profeta

O primeiro que inseriu em seu martirológio a memória e o nome do profeta Ezequiel, quanto a sua festividade na Igreja, foi o venerável Beda, cujos vestígios seguiram depois Floro, Adão, Rábano e outros. No Martirológio Romano lê-se que foi morto em Babilônia pelo juiz do povo hebreu e sepultado no sepulcro de Sem e Arfaxade.

Se é obscura a profecia de Ezequiel por seus alegóricos e inescrutáveis mistérios, não o é menos a história de sua vida. Só sabemos certamente o que ele mesmo testifica no princípio dela, a saber, que foi filho de Buzi, sacerdote da lei antiga, existente entre os caldeus no tempo em que Jeremias profetizava em Jerusalém; e, quanto a suas profecias ou revelações, consta-nos que lhe falou o Senhor perto do rio Cobar ou Eufrates, aos 30 anos de sua idade, quinto da transmigração ou cativeiro do rei Joaquim com o povo judeu em Babilônia, 3410 da criação do mundo, 613 antes de nossa era, segundo os cálculos de Saliano, ainda que outros computam de diferente maneira; e, dizendo no capítulo XXIX que era o ano 27 da transmigração, infere-se que ao menos profetizou 22 anos; mas a duração certa do tempo que exerceu este ministério é coisa obscura, como o é sua vida.

O padre São Jerônimo, no prefácio a este profeta, confirma a filiação dita e que principiou a profetizar no ano quinto do cativeiro do rei Joaquim em Babilônia; e acrescenta que suas admiráveis visões, compreensivas de muitos mistérios, as disse não em estilo sublime nem ínfimo, mas num médio capaz de que as entendesse o povo, observando com sábia indústria este método a fim de que não pudessem perceber os de Babilônia as repreensões que fazia aos judeus, para que não os afligissem mais duramente. O mesmo santo doutor escreve que se significa pelo nome de Ezequiel a fortaleza de Deus, mediante que pregava ao povo incrédulo e contumaz com muito valor e espírito, procedendo com igual valentia contra os profetas falsos que solicitavam seduzir os hebreus no cativeiro, em contraposição de seus oráculos.

O autor do livro que contém a vida e morte dos profetas e santos do Antigo e do Novo Testamento escreve que foi a causa de sua morte haver repreendido com zelo veemente as ímpias superstições das tribos de Israel; e Santo Atanásio, no livro da *Encarnação do Verbo*, diz que padeceu por seu povo, porque lhes profetizava as coisas futuras.

Pelas sagradas letras não nos consta coisa alguma acerca do lugar de seu sepulcro; e, ainda que se diz que foi naquele em que antigamente se enterraram Sem e Arfaxade, progenitores de Abraão, suspeitam alguns críticos que esta assinalação e outros milagres que se atribuem a este profeta foram ficções dos rabinos, suposto que Daniel, Baruc, Esdras, Josefo e Fílon, versados na história dos caldeus, não escrevem semelhantes fatos.

Martirológio Romano

A festa de São Ezequiel, profeta, que, repreendendo o juiz do povo de Israel porque adorava os ídolos, foi morto por sua ordem em Babilônia e enterrado no monumento de Sem e de Arfaxade, progenitores de Abraão: muitos fiéis costumavam concorrer a orar em seu sepulcro.

Em Roma, a festa de grande número de santos mártires, batizados pelo papa Santo Alexandre enquanto estava preso, os quais o prefeito Aureliano fez meter num navio velho, com ordem de levá-los a alto-mar e submergi-los ali com uma pedra ao pescoço.

Em Alexandria, os santos mártires Apolônio, presbítero, e outros cinco, que foram afogados no mar durante a perseguição de Maximiano.

Na África, os santos Terêncio, Africano, Pompeu e seus companheiros, os quais, no tempo do imperador Décio e do prefeito Fortunaciano, depois de haverem sido açoitados com varas, estirados no potro e atormentados de outras maneiras, consumaram seu sacrifício sendo decapitados.

No mesmo dia, São Macário, bispo de Antioquia, ilustre por suas virtudes e milagres.

Missa (oração)

A missa é de confessor e pontífice, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Macarii, confessoris tui atque pontificis, solemnitate deferimus; et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis. Per Dominum nostrum.*

Português: Rogamos-vos, Senhor, que ouçais benignamente as súplicas que vos dirigimos na solenidade de vosso bem-aventurado confessor e pontífice Macário e que nos absolvais de todos os nossos pecados pelos méritos e pela intercessão daquele que mereceu servir-vos dignamente. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 2 do apóstolo São Paulo aos Filipenses.

Filipenses 2,1-4

> **Latim:** [1] Si qua ergo consolatio in Christo, si quod solatium caritatis, si qua societas spiritus, si qua viscera miserationis : [2] implete gaudium meum ut idem sapiatis, eamdem caritatem habentes, unanimes, idipsum sentientes, [3] nihil per contentionem, neque per inanem gloriam : sed in humilitate superiores sibi invicem arbitrantes, [4] non quæ sua sunt singuli considerantes, sed ea quæ aliorum.

Português: [1] POR tanto, se ha alguma consolação em Christo, se algum refri-gerio de caridade, se alguna comunicação de espírito, se algumas entranhas de compaixão: [2] fazei completo o meu gozo, de sorte que sintais huma mesma cousa, tendo huma mesma caridade, hum mesmo animo, huns mesmos pensamentos. [3] Nada façais por porfia, nem por vangloria: mas com humildade, tendo cada hum aos outros por superiores, [4] não attendendo cada hum ás cousas que são suas proprias, senão ás dos outros.

Nota

«Era Filipos uma cidade da Macedônia, onde São Paulo havia trabalhado com tanta fadiga como fruto. Havia padecido muito nela; mas os grandes progressos que na mesma havia feito a fé e as avultadas esmolas que o mesmo Apóstolo havia recebido de muitos particulares recompensavam abundantemente o trabalho que lhe havia custado aquela conquista. O assunto principal desta epístola é dar as graças a seus benfeitores pelos benefícios recebidos; escreveu-a desde Roma, por Epafrodito, seu bispo, no ano 62 de Cristo.»

Reflexões

Si qua consolatio in Christo: Se há algum consolo em Jesus Cristo. Inutilmente se busca em outra parte. Qualquer outro objeto pode divertir e até suspender os enfados, as inquietações, os cuidados que sempre nos acompanham; mas o manancial deles não há coisa criada que seja capaz de cegá-lo. Este nasce e brota, por assim dizer, de nosso próprio coração. Os maiores inimigos de nosso sossego somos nós mesmos; nossas paixões são nossos tiranos; é mister dominá-las, é preciso exterminá-las se queremos viver contentes. Mas este segredo só Jesus Cristo nos pode ensinar; ele só pode dar-nos o alento e o valor de que necessitamos para vencer estes inimigos domésticos. Na verdade, como são tão frequentes, tão comuns as cruzes e as mortificações, não é possível gozar por muito tempo o fruto de nossa vitória. Que condição, que estado há nesta miserável vida sem adversidades? Na falta de nossas próprias paixões, exercitam-nos as dos outros. Poucos dias serenos se logram no mundo, e ainda são muitos menos os de uma perfeita calma; os mesmos ventos que dissipam as névoas costumam não poucas vezes excitar as tempestades. Tudo são revoluções, desgraças, perda de bens, enfermidades, mortes e contratempos. Logo que entrou o pecado no mundo, inficionou todas as fontes: todas são amargas, e só tem virtude para adoçá-las a cruz de Jesus Cristo: ela só pode fazê-las potáveis, e só em suas sagradas chagas acharemos jorros puros para saciar nossa sede: *Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris* [^1]. Esta é a verdadeira fonte aonde devemos acudir para o consolo, e é o único manancial que jamais se cega nem se seca. As demais são cisternas abertas que não podem conter a água, ou a que se acha nelas é turva e lodosa. Só Jesus Cristo é o que sara o criado do Centurião e a sogra de São Pedro, o que sossega o mar alvoroçado, o que lança os demônios e o que enxuga as lágrimas de uma mãe desconsolada. Só neste Senhor encontram os enfermos saúde e os atribulados consolo. Se há desditados no mundo, é porque não há confiança em Jesus Cristo. Cinco pães bastaram para saciar cinco mil homens que seguiam o Salvador; segue-o tu, e nada te faltará.

Implete gaudium meum, prossegue o Apóstolo, *ut idem sapiatis, eamdem charitatem habentes, unanimes, idipsum sentientes:* fazei completo meu gozo, de maneira que eu saiba que não há entre vós variedade de opiniões, que a todos vos estreita um mesmo amor e que até nos ditames do entendimento todos sois de um mesmo sentir. Estes eram os primeiros cristãos: e que pouco nos parecemos nós com eles! É muito raro que convenham três pessoas num mesmo parecer. O orgulho é inimigo da união dos corações: pensar como pensam os demais tem-se por vulgaridade, por pobreza de talento. O desejo de distinguir-se exerce seu império até nos espíritos; e este é a verdadeira origem das disputas e das contendas; este é o inimigo do repouso público, o que apaga

a caridade, o que turba a paz das famílias, o que se introduz até nos claustros religiosos e no mesmo asilo da humildade. Contudo, um dos frutos da redenção deve ser a união dos ânimos e dos corações. Este é o mandamento que vos dou: que vos ameis uns aos outros como eu vos amo a todos [^2]. O sinal por onde o mundo conhecerá que sois meus discípulos será se vos amardes uns aos outros [^3].

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Mateus.

Mateus 11,28-30

> **Latim:** 28 Venite ad me omnes qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos. 29 Tollite jugum meum super vos, et discite a me, quia mitis sum, et humilis corde : et invenietis requiem animabus vestris. 30 Jugum enim meum suave est, et onus meum leve.

Português: 28 Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei. 29 Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanso para as vossas almas. 30 Porque o meu jugo he suave, e o meu peso leve.

Meditação

Do que adoça e suaviza todas as cruzes

Primeiro ponto

Considera que, se são amargas as cruzes, nenhuma há que não tenha com que poder adoçá-las; nelas mesmas se acha o segredo para tirar-lhes a amargura. Tira-se esta só com levá-las com paciência, só com ter humildade para ver-se encravado nelas. A cruz de Cristo enobrece todas as demais. Cravado estou na cruz, dizia o Apóstolo, mas com meu Senhor Jesus Cristo [^4]. Não apartemos Cristo da cruz, ou não nos apartemos da cruz de Cristo, e todas nos parecerão doces, porque ele tomou a peito toda a amargura. Só com olhar a cruz com olhos verdadeiramente cristãos, não encontraremos nelas coisa ingrata senão para os sentidos. A alma encontra nas cruzes um fundo de consolos que lhas faz preciosíssimas. Satisfação à divina Justiça pelos pecados passados; preservativo contra os futuros; remédio soberano contra o veneno das paixões; armas formidáveis contra os inimigos da salvação; manancial de méritos para a vida eterna: tudo isto se

acha no bom uso das cruzes, e este bom uso não é tão dificultoso como parece à primeira vista. Em tomando o partido de render-se a Deus e de obedecer-lhe, custe o que custar, custa pouco mais que nada. Abandona-te inteiramente nas mãos do Senhor, e ele adoçará teus trabalhos.

Não houve santo que não fizesse em si mesmo esta experiência. São Pedro chama felizes os que padecem por Cristo. São Paulo não só estava cheio de consolo no meio dos trabalhos, mas ele mesmo assegura que era maior sua alegria quando eram mais excessivas suas tribulações [^5]. Não há que pensar que se acabaram estas experiências com os primeiros séculos da Igreja, porque se têm continuado sem intermissão em todos os tempos.

Fê-las São Francisco Xavier entre os abrasados areais do Japão; fê-las Santa Teresa entre as mais terríveis securas de espírito; fê-las Santa Maria Madalena de Pazzi no meio das provas mais sensíveis. Não só foi consolado São Macário, patriarca de Alexandria, quando o visitou o anjo em seu calabouço: nenhuma perseguição, nenhum tormento teve que padecer que não fosse temperado com uma doçura inexplicável. Cada dia estão experimentando isto mesmo as pessoas ajustadas em suas adversidades e trabalhos. Daqui lhes nasce aquela paciência, aquela doce tranquilidade, aquela admirável igualdade de ânimo, aquele semblante sereno e até alegre no meio da tormenta. Como está Cristo com elas no barco, nada se lhes dá da agitação das ondas. Ao lado de Cristo nada se teme: e na verdade, estando em sua companhia, que há que temer? Muitos são os que padecem sem fazer esta doce experiência, porque são muitos os que estão encravados na cruz, mas não na cruz de Cristo.

Segundo ponto

Considera que, ainda quando as adversidades sejam puramente castigo de Deus por nossos pecados, nem por isso são menos doces nem menos estimáveis. Um Deus que castiga nesta vida é um pai que corrige. Nunca está Deus mais irritado que quando cala, quando não fala palavra à vista de nossas maldades. *Cum iratus fueris, misericordiæ recordaberis.* Sim, por certo: jamais nos carrega o Senhor sua pesada mão sem que seu amoroso coração tenha desígnio de fazer-nos misericórdia. Que consolo, que doçura pensar que as cruzes mais pesadas são riquíssimos tesouros! Que as adversidades mais amargas são provas sensíveis da bondade de nosso Deus! Que as mais duras aflições são efeitos de sua misericórdia!

A mesma mão é a que reparte as prosperidades e as adversidades desta vida: pois por que não receberemos umas e outras com a mesma submissão e com igual reconhecimento? À hora da morte nenhuma coisa consola tanto como as cruzes e os trabalhos quando se receberam com espírito cristão. Consolará muito naquela hora a triste memória dos empregos que se gozaram, dos gostos que se desfrutaram, das prosperidades que nos engrandeceram? Ah, que manancial tão copioso de ais, de remorsos e de dores amaríssimas! Os que assistem a um pobre moribundo sonharão então em trazer-lhe à memória os regozijos públicos que ele mesmo animou com sua presença, ainda que seja o maior príncipe do mundo? Que se diria de um confessor que empregasse aqueles derradeiros momentos em recordar-lhe o número de suas vitórias, a importância de suas conquistas, a magnificência de sua corte, a suntuosidade de sua mesa, a ostentação de seu palácio; numa palavra, tudo aquilo que contribui para fomentar o orgulho dos

grandes, tudo o que se chama alegria, prosperidades e felicidades do mundo? Que homem de razão, ainda que fosse um libertino ou ímpio, não gritaria contra a imprudência, para não dizer contra a bobice, daquele confessor? De que se fala e se deve falar a um moribundo? Que imagens se lhe põem à vista? Com que consolo se lhe brinda? Aonde se o remete para que alente sua confiança? A Jesus Cristo, e a Jesus Cristo crucificado. Se o moribundo padeceu trabalhos, se sua vida esteve semeada de adversidades, se foi perseguido com desgraças e reveses da fortuna, um hábil e zeloso confessor vale-se disto mesmo para despertar sua confiança em Jesus Cristo e para fortalecê-lo contra os temores e sobressaltos tão comuns naquela derradeira hora. Pois por que não nos há de consolar em vida aquilo que há de ser nosso único consolo na hora da morte?

Enfim, aquele Deus que me aflige é o mesmo que me ama com ternura; e, estando bem seguro de seu amor, envia-me esta enfermidade, esta desgraça, esta adversidade, este trabalho. Hei de ter, pois, alento para queixar-me?

Ah, meu Deus, e que pouco tenho conhecido até aqui o mérito das cruzes! Que desgraça a minha em havê-las malogrado! Muitas me têm oprimido, mas não soube aproveitar-me delas. Fazei, Senhor, que de agora em diante saiba reparar esta grande perda e que encontre nas mesmas cruzes motivos para abraçar-me gostosamente com elas.

Jaculatórias

> *Virga tua, et baculus tuus, ipsa me consolata sunt.* Sl 22.

Sim, Senhor, os mesmos golpes de vossa amorosa mão são os que mais me têm consolado.

> *Hæc mihi sit consolatio, ut affligens me dolore, non parcat.* Jó 6.

Seja este meu consolo: que Deus me aflija, me castigue e não me perdoe nesta vida, para que me perdoe na outra.

Propósitos

1. Tudo neste mundo está semeado de cruzes; as adversidades são a herança dos cristãos; mas o segredo de converter em água doce a água salobra e amarga, em sua mão o têm. Se o ignoram, é por culpa sua. O mesmo fruto da cruz é remédio maravilhoso para adoçar a amargura da mesma árvore. O sangue de Cristo que a regou, ou a banhou, obrou esta maravilha e comunicou esta virtude às adversidades, com tal que se recebam com um espírito cristão. Começa desde hoje a

aproveitar-te de um tesouro que estava escondido em tua mesma posse. Acostuma-te a receber como vindo da mão de Deus tudo o que te suceda de adverso na vida. Os golpes de mão tão amorosa, ainda que pareçam pesados, sempre são carinhos: não os consideres de outra maneira. Conheces que se te altera o mau humor, que se irrita a ira, que a melancolia se aumenta à vista dessa mortificação que te humilha, desse lance que te escuece? Pois procura serenar o semblante e dizer-te a ti mesmo interiormente: Deus foi servido enviar-me esta mortificação, esta enfermidade, este contratempo; Deus julga que convém para minha saúde espiritual sofrer esta humilhação; Deus não quer conceder-me alguma grande graça senão com a condição de que leve esta cruz: pois de que tenho que queixar-me? Não fales nem de tua enfermidade, nem de teu pleito, nem de tua desgraça, nem de tua afronta, senão sempre neste tom: faze estudo de não conversar com teus amigos senão sobre o valor e mérito das adversidades desta vida; esta prática é excelente para apagar as vivacidades do amor-próprio. Ainda que não a faças com muito gosto, sempre a farás com grande proveito.

2. As grandes cruzes têm sempre grandes apoios; as pequenas pesam menos, mas são mais agudas e costumam picar muito mais. Dedica-te a embotar suas pontas, usando bem delas sob as regras seguintes. Primeira: em sucedendo-te algum desgostozinho, dize a ti mesmo com São Francisco de Sales: A mortificação é boa em todo tempo, é remédio excelente, não há coisa mais necessária. Segunda: estas cruzes pequeninas tão frequentes são certas incomodidades ligeiras, certos desgostos interiores, certos trabalhos quase imperceptíveis; são os frequentes descuidos dos criados e dos filhos; as desatenções ou o mau humor dos sujeitos com quem tratamos; o gênio extravagante, a má-fé, a emulação e todos os dissabores que acompanham o comércio da vida. Todas estas coisas as hás de olhar de agora em diante com olhos cristãos. Este contínuo exercício de mortificação bem praticado é um grande cabedal com que se pode satisfazer à Justiça divina e com que se podem ir pagando muitas dívidas.

[^1]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A citação é de Isaías 12,3. [^2]: Jo 13. [^3]: Jo 15. [^4]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A passagem é de Gálatas 2,19. [^5]: 2 Cor 7.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:57 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:57 by Admin